

“Retornem para os seus países” parlamentares de cor: Trump, racismo e a repercussão na mídia negra dos EUA

“Go back to your country” congresswomen of color: Trump, racism and the repercussion on American’s Black Media

Ivonete da Silva Lopes

Professora adjunta na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Gladys Mitchell-Walthour

Professora da Universidade Wisconsin-Milwaukee.

Submetido em 06 de Abril de 2020

Aceito em 15 de Agosto de 2020

RESUMO

Este artigo analisa, sob a perspectiva da interseccionalidade, a repercussão das mensagens racistas do presidente Donald Trump na mídia negra estadunidense, no episódio envolvendo as quatro parlamentares de cor estreadas no Congresso Nacional pelo Partido Democrata. Em *posts* publicados no Twitter, observa-se como *gênero, raça, geração, nacionalidade e posicionamento político* foram acionados por Trump para discriminar e “mandar” as parlamentares voltarem aos seus respectivos países de origem. Baseado na análise de conteúdo de cinco mídias negras, verifica-se que a cobertura destacou os *tweets* e a trajetória racista de Trump. Pouca intersecção foi realizada para mostrar os cruzamentos entre as categorias utilizadas por ele para agredir as parlamentares.

PALAVRAS-CHAVE: *Racismo; Interseccionalidade; Mídia Negra; Mulheres Parlamentares.*

ABSTRACT

This paper analyzes, through an intersectional lens, the repercussion of president Donald Trump's racist messages on United States media, in the episode involving the four first-term Democratic women of color in the US Congress. On his Twitter posts, we can observe how *gender, race, generation, nationality* and *political position* were used by Trump in order to discriminate against the congresswomen, "ordering" them back to their respective countries of origin. Based on content analysis of five Black media outlets, we can verify that the coverage highlighted Trump's tweets and racist trajectory. Little intersection was conducted to show the cross-categorization used by him to attack the congresswomen.

KEYWORDS: *Racism; Intersectionality; Black Media.*

Introdução

Este artigo examina a cobertura da mídia negra dos Estados Unidos sobre um dos muitos casos recentes de racismo envolvendo o presidente Donald Trump (2017-2020), conhecido desde a década de 1970 pela prática de atos discriminatórios. Aos 27 anos, como empresário, apareceu pela primeira vez nas páginas do *New York Times*, porque estava sendo processado pela justiça devido à recusa em negociar ou alugar imóveis para pessoas negras (Dunlap, 2015). Depois de quase cinco décadas, o racismo de Trump pôde ser evidenciado em uma linha do tempo publicada pela mídia (Lopez, 2019; O'Connor, Marans, 2019), mostrando que a discriminação contra negros, mulheres e imigrantes continua fazendo parte sua trajetória.

Esses atos têm ganhado maior visibilidade pelo cargo de presidente, exacerbada ainda pelo uso do Twitter ([@realDonaldTrump](https://twitter.com/realDonaldTrump)), rede social em que Trump é ativo, sobretudo para atacar seus desafetos políticos. Ser um desafeto significa qualquer discordância ou crítica ao governo, algo que deveria ser comum em uma democracia mas que acaba gerando posts intolerantes, especialmente se

essas críticas forem feitas por membros de grupos minoritários, como mulheres, pessoas de cor e/ou de origem estrangeira.

Um desses ataques se deu contra as deputadas federais do Partido Democrata Alexandria Ocasio-Cortez, Ayanna Pressley, Ilhan Omar e Rashida Tlaib. Elas, mulheres de cor, estreantes no Congresso dos EUA, que condenaram a política migratória do governo por separar crianças das suas respectivas famílias no Centro de Detenção de Imigrantes (Clint, Texas) e mantê-las em condições consideradas cruéis¹. Destaca-se que outros democratas, assim como as quatro parlamentares, visitaram as instalações do centro e fizeram severas críticas ao governo, contudo apenas aquelas mencionadas foram alvo de Trump.

Cabe explicar que adotamos a expressão “mulheres de cor” como tradução literal de *women of color* ou *congresswomen of color* utilizada pela mídia para se referir às deputadas federais vítimas das agressões racistas de Trump. De acordo com Brown (2014, p. 317), “a categoria mulheres de cor também não aborda adequadamente esse agrupamento muito complexo de mulheres. O termo também mantém uma hierarquia baseada na raça que agrupa todas as mulheres não brancas em uma categoria, independentemente de história, cultura e ancestralidade diferentes”. Outra observação relevante é o significado bastante distinto dessa expressão no Brasil e nos Estados Unidos. Enquanto, para os brasileiros, “mulheres de cor” representa as mulheres negras (pretas e pardas), para os estadunidenses, a expressão é atribuída a um grupo heterogêneo formado por não-brancas.

As críticas feitas pelas parlamentares à política migratória levaram Trump a fazer seis postagens entre 14 e 22 de julho de 2019, nas quais “manda” as deputadas retornarem aos seus países de origem, referindo-se a elas como jovens, inexperientes, pouco inteligentes e progressistas (Trump, 2019). Nessa discriminação, Trump selecionou como alvo as parlamentares de cor, mobilizando

¹ Ver mais sobre isso em: Hungry, Scared and Sick: Inside the Migrant Detention. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2019/07/06/us/migrants-border-patrol-clint.html>

as categorias gênero, raça e origem familiar/nacionalidade, em uma demonstração de racismo e xenofobia, além de expressar preconceito geracional (jovens) e em relação ao posicionamento político (progressista).

O corpus desta análise² é composto por 11 textos publicados na internet por cinco diferentes mídias negras, que repercutiram os *tweets* discriminatórios do presidente Donald Trump contra as quatro parlamentares de cor. Foram escolhidos os sites que disponibilizam os textos gratuitamente, separados dentro das seguintes categorias: 1) mídia associativista: *BlackPressUSA* – mantida pela *National Newspaper Publishers Association*(NNPA), que reúne mais de 200 jornais/portais de notícias; 2) mídia negra de propriedade negra: *Afro-American News*; *Black Agenda Reporter* e *The Atlanta Voice*; e 3) conteúdo orientado: mídia que produz conteúdo destinado à população negra, mas cuja propriedade é branca, representada pelo *The Griot*.

As publicações foram analisadas conforme a perspectiva de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (1991), que reconhece como as instituições e suas políticas afetam as mulheres negras e outras mulheres de cor de maneiras específicas devido à raça, ao gênero, ao status de imigrante ou à classe. Isso significa que as opressões se sobrepõem às mulheres, como no caso desta pesquisa, porque são mulheres que atuam em um espaço dominado por homens brancos, por terem uma identidade familiar de emigrante, geracional e até mesmo pelo posicionamento político. Nessa perspectiva, o artigo contribui para a adoção da interseccionalidade nos estudos de mídia, examinando como as identidades interseccionais foram acionadas na retórica do presidente estadunidense. Como explicam Lago, Kazan e Thamani (2018), a “perspectiva interseccional aponta para

² Este artigo é um recorte da pesquisa de pós-doutorado sobre mídia negra no Brasil e nos Estados Unidos realizado no *African & African Diasporas Studies - University of Wisconsin -Milwaukee*, EUA.

a necessidade de se perceber, em cada momento ou aspecto analisado, o cruzamento de várias discriminações e opressões que incidem sobre os sujeitos”.

Nosso objetivo é perceber se, no corpus examinado, houve associação entre as categorias mobilizadas por Trump para se referir às discriminações sofridas pelas parlamentares. O texto está organizado em quatro seções. A primeira apresenta a composição do Congresso, as diversidades de gênero e de raça introduzidas pela eleição de 2018, além do perfil das deputadas atacadas por Trump. Posteriormente, discute-se a mídia negra e o combate ao racismo; por último, é feita a análise do conteúdo em duas seções, sendo que a última delas tenta especificamente identificar marcas de interseccionalidade na repercussão do caso pela mídia negra.

1. Eleições 2018 e diversidade no Congresso

Um aumento da intolerância contra imigrantes e negros, bem como um crescimento de tiroteios em massa (Saramo, 2017; Dowd, 2019; Silverstein, 2019) foram registrados durante o governo de Donald Trump, fase na qual “o racismo voltou a ser mais violento e explícito” (Davis, 2018). Nesse contexto, as eleições de 2018 tiveram resultados que tornaram o congresso estadunidense mais diverso em relação à raça e ao gênero. O número de mulheres eleitas foi recorde: 127 entre os 535 parlamentares (23,7%). O Partido Democratas elegeu 106 mulheres, sendo 89 deputadas e 17 senadoras, enquanto o Partido Republicano somou 21, oito senadoras e 13 deputadas (ver Quadro 1). A maior pluralidade do congresso pôde ser observada também pela eleição de 10 LGBTQI+³; das duas primeiras nativas americanas, Deb Haaland e Sharice Davids; e das primeiras muçulmanas, Rashida Tlaib e Ilhan Omar (Zhou, 2018; Cawp, 2018).

³ Lésbicas, bissexuais, gays, transexuais, transgêneros e *queers*.

	Mulher (Dem.)	Homen (Dem)	Mulher (Rep.)	Homem (Rep.)	Homem (Ind.)	Total
Câmara	89	153	13	186		435
Senado	17	28	8	45	2 H	100
Total	106	181	21	231		

Tabela 1: Composição do Congresso nos EUA. Fonte: Zhou, 2018; Cawp, 2018.

Em relação à composição étnico-racial, foram eleitas 116 pessoas de cor (21,7%) para as duas casas. O Senado apresenta menor diversidade racial em relação à Câmara; são apenas 10 pessoas de cor: três asiáticos, quatro latinos e três negros. Na Câmara Federal, atuam 49 latinos, 54 negros, um asiático e dois nativo-americanos. As mulheres de cor são 47 entre os 116 parlamentares não-brancos, o equivalente a 8,8% do total dos 535 congressistas e 37% entre as 127 mulheres parlamentares (Cawp, 2018). Apesar de os números indicarem avanço da presença feminina na política federal, o cenário ainda está distante de corresponder à realidade de gênero dos Estados Unidos, já que, no país, as mulheres somam 50,8% da população e ocupam apenas 23,7% das posições no Congresso.

O gráfico 1 permite visualizar a relação entre a presença na sociedade e a representação política, ou seja, explicita os privilégios dos homens brancos. Esses somam 38% na população estadunidense. Contudo, ocupam 71% das vagas no Senado e 60% da Câmara. Nenhum outro grupo étnico-racial (latinos, asiáticos e afro-americanos) possui tamanha vantagem política. Os afro-americanos, por exemplo, são 14% da população e ocupam apenas 3% das vagas no Senado e ficam com 12% das vagas na Câmara.

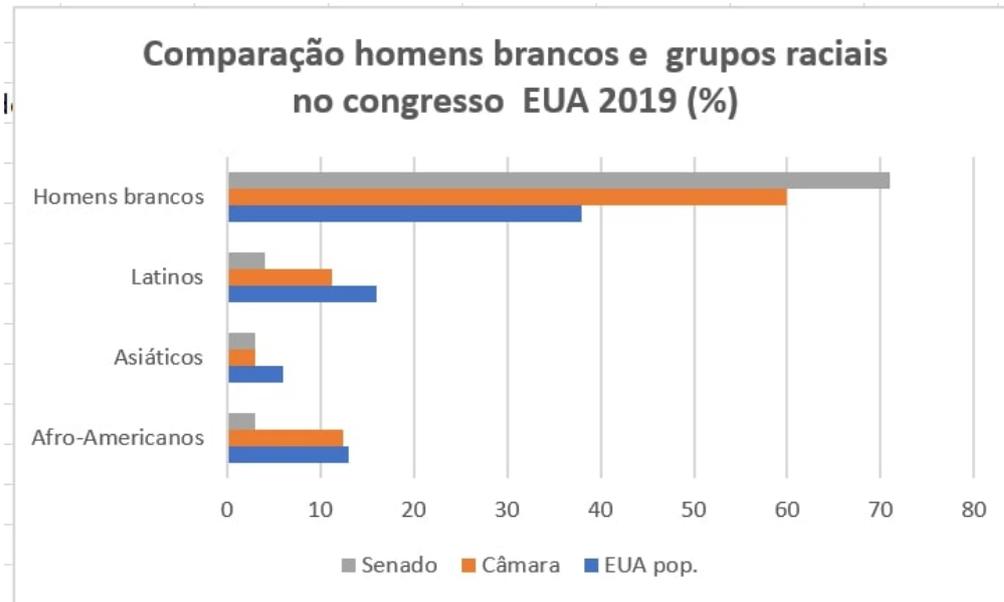


Gráfico 1: Pertencimento étnico-racial nos EUA e representação política. Fonte: Adaptação de The Conversation.Zhou, 2018; Cawp, 2018.

Como observa-se, os números apontam uma diferença significativa entre a realidade racial/gênero e a representatividade política. Nadia E. Brown (2014, p. 315) destaca que essa disparidade alerta para a desigualdade em sistemas políticos democráticos. Segundo a autora, a participação paritária na política permitiria que “os cidadãos expressassem suas preocupações e preferências políticas em pé de igualdade. No entanto, as estruturas e as instituições da democracia não são neutras e aqueles com maiores recursos e identidades privilegiadas (ou seja, homens brancos) têm participação mais elevada”⁴, o que também é evidenciado no Gráfico 1.

A desigualdade de acesso à política afeta especialmente as mulheres de cor pela falta de recursos financeiros, capital político e a sobrecarga de trabalho, sendo

⁴ Tradução livre de: Ideally, equal participation among groups would allow citizens to voice their concerns and political preferences on par with each other. However, the structures and institutions of democracy are not neutral, and those with greater resources and privileged identities (i.e., white males) participate at higher rates.

que as adversidades persistem mesmo depois de eleitas. Elas recebem tratamento desigual e são marginalizadas por parte de seus colegas homens brancos, “que tentam reduzir a influência delas na formulação de políticas públicas. (...) A presença crescente de mulheres legisladoras pode realmente provocar uma reação de membros do sexo masculino, tornando-os cada vez mais hostis para com suas colegas do sexo feminino” (Minta; Brown, 2014, p.254).

Entre as parlamentares discriminadas por Trump, duas delas foram as primeiras mulheres muçulmanas eleitas para o Congresso. Ilhan Omar⁵, 39 anos, por Minneapolis (Minnesota), nasceu na Somália, viveu quatro anos em um campo de refugiados no Quênia e migrou para o EUA nos anos 1990. Omar trabalhou como educadora comunitária na Universidade de Minnesota e atuou como assessora sênior de políticas do Conselho da Cidade de Minneapolis. Rashida Tlaib⁶, 43 anos, é advogada e filha de imigrantes palestinos. Ela representa o Michigan, estado pelo qual também foi eleita em 2008 para o legislativo estadual. Sua atuação política é marcada pelo enfrentamento a grupos econômicos, que poluíam a cidade de Detroit, como advogada do *Sugar Law Center for Economic and Social Justice*, organização que atua na luta contra o racismo.

As outras duas parlamentares são Alexandria Ocasio-Cortez e Ayanna Pressley. A primeira⁷, de 29 anos, é a mais jovem parlamentar eleita para o mandato 2019-2021 e representa o distrito de Bronx e Queens (Nova York). Ela pertence à terceira geração de uma família de origem porto-riquenha e é graduada em Economia e Relações Internacionais pela Universidade de Boston. A segunda parlamentar, Ayanna Pressley⁸, 45 anos, foi a primeira mulher de cor eleita pelo estado Massachusetts para a Câmara dos Deputados. Ativista em sua comunidade,

⁵ Sobre a parlamentar, ver: <https://omar.house.gov/about>.

⁶ Sobre a parlamentar, ver:: <https://tlaib.house.gov/about>.

⁷ Sobre a parlamentar, ver: <https://ocasio-cortez.house.gov/>

⁸ Sobre a parlamentar, ver: <https://pressley.house.gov/about>.

Pressley trabalhou com educação sexual e orientação de adolescentes grávidas em escolas públicas. Atuou por oito anos na Câmara Municipal de Boston.

2. Mídia negra e o enfrentamento ao racismo

A publicação de jornais negros ocorreu antes da abolição da escravatura nos Estados Unidos (1865), demonstrando que a comunicação, historicamente, tem sido considerada por militantes e intelectuais negros como um meio de resistência e luta contra as diversas formas de opressão, como as materiais e as simbólicas (González, Torrez, 2011).

O racismo gerava –e continua gerando– condições desiguais entre a população e impõe aos negros dificuldades de acesso à educação e ao mercado de trabalho, o que freia a ascensão social dessa parcela da população. Simbolicamente, opera com a representação dos negros sempre de forma pejorativa, como denunciava o pioneiro *Freedom's Journal* em 1827: “nossos vícios e nossa degradação estão sempre contra nós, mas nossas virtudes são passadas despercebidas”.⁹

Esses jornais, assim como os que surgiram posteriormente, tinham caráter educativo em sentido amplo. No aspecto político como organização do combate ao racismo, reivindicações por direitos e valorização da identidade; e no pedagógico, ao publicarem modelos de comportamento e superação que deveriam ser seguidos. De acordo com Pinto (2010, p. 20), os periódicos edificaram uma “rede de solidariedade negra à qual interessavam a conservação de garantias individuais e também a construção de uma voz coletiva direcionada ao fortalecimento do grupo”.

A imprensa negra teve historicamente uma função bastante heterogênea. A começar pelo papel associativista de formar um coletivo para produzir notícias,

⁹ “Tradução feita pela autora de: “Our vices and our degradation are ever arrayed against us, but our virtues are passed by unnoticed” citado por González e Torres (2011, p.109).

mais do que simplesmente informar as comunidades negras. Como frisou Batiste (1973, p. 130), os periódicos visavam a “[...] encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto; para lutar contra o preconceito”.

A trajetória da imprensa negra feita por homens e mulheres negras constitui uma história de resistência e politização dos negros na luta contra o racismo. Se ainda hoje é difícil manter financeiramente as mídias negras, parece inimaginável como esses pioneiros conseguiram, dentro de uma estrutura escravocrata e logo no pós-abolição, produzir comunicação em um cenário bastante adverso. Muitos desses periódicos tiveram curta durabilidade; outros, vidas mais longas, mas com interrupções. Foram iniciativas de pessoas relegadas a uma “segunda classe que se posicionaram contrárias à intolerância direcionada contra suas comunidades [...] Excluídos do jornalismo hegemônico, esses jornalistas foram forçados a lançar seus próprios jornais” (González, Torres, 2011).

Diante das fusões empresariais no campo da comunicação e das possibilidades de segmentação midiática exacerbadas pela internet, torna-se ainda mais necessário buscar explicar o termo “mídia negra”, conceito central para este trabalho. Pesquisas historiográficas (Pinto, 2010; Pereira, 2013; González, Torres, 2011) contribuem para definir a imprensa negra como aquela feita majoritariamente por negros e com conteúdos voltados para as comunidades negras, mas não exclusivamente para eles, como afirma Silva (2008, p.291): “[os jornais] sinalizam para o desejo dessas lideranças negras de organizarem sua comunidade e divulgarem para a sociedade mais ampla as suas perspectivas e projetos em prol do grupo”.

Se a concepção e a função da imprensa negra do passado parecem não suscitar dúvidas, na contemporaneidade, o entendimento sobre mídia negra gera controvérsias, especialmente nos Estados Unidos. Nas últimas décadas, algumas

dessas mídias constituídas como empresas de propriedade de negros e negras têm sido adquiridas por conglomerados de comunicação (leia-se empresas brancas), que mantêm o conteúdo voltado para os afro-americanos.

Esta ocorrência traz à tona a discussão sobre o que caracteriza a mídia negra. É o conteúdo produzido? É a propriedade? Ou são ambos? Corroborando com a discussão Redding Jr (2017), que usou a expressão “orientação negra” para se referir à mídia negra de propriedade branca, a exemplo da emissora de televisão BET, adquirida em 2000 pela Viacom, uma das maiores empresas de mídia do mundo, cujos ativos incluem MTV, CBS e *United Paramount Network*.

Para as organizações midiáticas negras estadunidenses, a propriedade negra é um critério fundamental. Afirma o vice-presidente da *Black Owned Media Alliance*, Tony C. Lesesne: “a propriedade significa tudo. Propriedade negra significa a tomada de decisão, geração informação do ponto de vista de um empresário negro. Os proprietários da mídia negra compreendem a luta [contra o racismo] num ambiente muito difícil” (Lesesne, 2019)¹⁰. O membro da *National Newspaper Publishers Association* (NNPA), Raynard Jackson (2014), enfatiza que “a mídia negra é, por definição, de propriedade e operada por negros”. O autor é contundente ao criticar a estratégia “da mídia branca disfarçada de mídia de propriedade dos negros. A *The Griot* é de propriedade da NBC, a *The Root* é de propriedade do *Washington Post*, a *Essence* é de propriedade da *Time, Inc.*, e a *BET* é de propriedade da Viacom.”¹¹

Observam-se, portanto, dois grupos de mídia negra: um deles formado por proprietários negros e outro que produz conteúdo orientado para as comunidades negras, denominado nos EUA como *black-oriented*, mas que não pertence aos afro-americanos. Entendemos que, mesmo entre a mídia de propriedade negra, há

¹⁰ Entrevista à autora em 05/09/2019. Tradução livre de: It means everything. Black-owned means the decision-making, thought generation is from a Black business owner point of view. Black Media Owners understand the struggle.

¹¹ Disponível em: <https://blackpressusa.com/black-media-need-ownership-and-control/>.

diferenças significativas, sendo algumas mais liberais e outras mais progressistas. Dentro da limitação deste artigo, procuramos mostrar alguma diversidade deste segmento midiático, examinando o conteúdo produzido por três mídias de controle afro-americano; uma mídia associativista mantida pela *National Newspaper Publishers Association* (NNPA), que reúne mais de 200 jornais/portais de notícias; e uma de conteúdo orientado.

3. Mídia negra e cobertura do caso Trump versus parlamentares de cor

Ao selecionarmos os portais de notícias, cabe mencionar que algumas mídias negras, como o histórico *Chicago Defender*, não publicaram informações sobre o caso em questão. A hipótese é que alguns jornais têm adotado como estratégia não repercutir todo ato racista de Trump para não colocá-lo em evidência. Essa postura é defendida pela ativista negra e intelectual Angela Davis: “É importante não reagir a cada declaração que Trump faz para mobilizar suas bases e não deixá-lo manobrar a conversa” (Davis, 2018). Se por um lado, como alerta Davis, a repercussão das falas do presidente pode acabar dando maior visibilidade às suas estratégias políticas, por outro lado, pode se pensar que a reverberação desses atos também pode ter seu valor político por mostrar a face racista do presidente. Talvez o embate contra o racismo presidencial possa ter contribuído para a eleição mais plural de congressistas dois anos depois do início da sua administração.

Data	Mídia	Título
14/07	<i>The Atlanta Voice</i> *	Deixe os EUA, Presidente Donald Trump diz a parlamentares liberais de cor
14/07	<i>The Atlanta Voice</i>	Umontuen: "O pelotão" está deixando a porta-voz Pelosi, tradicional Democrata desconfortável

15/07	<i>The Atlanta Voice</i> *	Donald Trump ataca contra as parlamentares do DEM elas estão atirando de volta
16/07	<i>The Atlanta Voice</i>	O senador da Geórgia David Perdue apoia os tweets de Donald Trump
17/07	<i>The Atlanta Voice</i> *	Votação na Câmara condenando os tweets de Donald Trump atrai algum apoio do Partido Republicano
31/07	<i>Black Agenda Report</i>	Megan Rapinoe: falsa progressista
14/07	<i>Afro-American News</i> *	Trump diz para mulheres congressistas de cor devem voltar ao país infestado de crimes
15/07	<i>BlackPressUSA</i>	Trump eleva ataque racista a mulheres de cor de parlamentares na última postagem de mídia social
14/07	<i>The Griot</i>	Donald Trump escreve <i>tweet</i> racista sobre parlamentares de cor
16/07	<i>The Griot</i> *	Trump renova ataque racista contra mulheres parlamentares, diz que outros racistas concordam com ele
22/07	<i>The Griot</i>	Michelle Obama publica sobre diversidade após os <i>tweets</i> racistas de Trump atacarem mulheres parlamentares democratas

Tabela 2: Cobertura da mídia negra. Fonte: Pesquisa das autoras. *Textos produzidos por The United Press.

Feita essa observação inicial, partimos para a análise dos textos publicados (tabela 2). Visualiza-se que *The Atlanta Voice* e *The Griot* foram os que mais publicaram sobre o acontecimento. Juntos, somaram sete textos entre os 11 que compõem o corpus desta análise. Outra observação relevante refere-se à produção dos textos; cinco deles (três do *The Atlanta Voice*, um do *Afro-American News* e um do *The Griot* foram fornecidos pela agência internacional de notícias *The Associated Press*(AP), uma das três maiores do mundo, que tem como sócios-proprietários a *The New York Times Company*, a *Disney* (ABC, ESPN, *Sports Center and News*, A&E, *Vice*), a *News Corp.* (*Fox News*, *Dow Jones*, *The Wall Street Journal*, *MarketWatch.com*) etc. (ABREU, 2018). Se a mídia negra tem a função de imprimir a perspectiva desse grupo racial na cobertura de fatos que geralmente não recebem o tratamento

adequado pela mídia hegemônica, qual a razão de comprar textos de um grande conglomerado de comunicação como a AP?

A leitura flutuante dos textos (Bardin, 2011) indica muitas similaridades entre eles, sendo a publicação do *Black Agenda Report* uma exceção. De modo geral, os portais destacaram as primeiras mensagens postadas por Trump em 14 de julho de 2019, nas quais ele sugere que as parlamentares de cor retornem aos países de origem. Como se pode observar nos *tweets* (Figura 1), não há menção explícita à identidade racial. No entanto, inferimos que as mensagens foram consideradas racistas pelos sites analisados por terem sido endereçadas às quatro parlamentares de cor. Isso pode ser evidenciado nos próprios títulos das matérias, nos quais aparecem quatro menções a elas [*congresswomen of color*] e, em outros dois, a palavra racista.

A visibilidade ganhada pelos *posts* racistas parece ter atingido o objetivo esperado pelo presidente, que, ao ser questionado em uma entrevista sobre as mensagens, afirmou: “isso [o *post*] não me preocupa, porque muitas pessoas concordam comigo. A propósito, muitas pessoas adoraram” (*The Griot*, 2019). O texto ainda reitera que o uso dessas mensagens pode servir de estratégia para a sua reeleição: “o episódio serviu de aviso de que Trump está disposto a confiar novamente na retórica incendiária em questões de raça e imigração para preservar sua base política antes das eleições de 2020” (*idem*)¹⁵. Disposto a concorrer à reeleição, Trump tenta utilizar-se da mesma tática que o elegeu em 2016. Conforme destacam Williamson, Gelfand (2019) e Lopez (2019), o racismo, a xenofobia e o sexismo característicos dos discursos ou das falas do presidente constituíram-se em estratégia eleitoral em 2016 para atrair os eleitores mais conservadores.

Um segundo grupo de palavras faz referências às “parlamentares de cor” (*congresswomen of color* com 36 frequências), “nascimento” (*born* com 34), “país” (*country* com 39), “deixar os EUA” (*leave* com 29) e “retornar ao país de origem” (*back* com 39). As publicações buscaram responder ou elucidar a mentira contida no *tweet*, de que as deputadas haviam nascido em outros países para os quais deveriam retornar a fim de “consertar os lugares totalmente destruídos e infestados de crimes de onde vieram” (Burke, 2019). O texto complementa trazendo a informação que a única não nascida nos EUA é a somali-americana: “Illan Omar nasceu na Somália e sua família chegou a Nova York em 1992 e conseguiu asilo nos EUA em 1995. A deputada Ocasio-Cortez nasceu no Bronx, Nova York, e a deputada Pressley nasceu em Chicago, Illinois, e a deputada Rashida Tlaib nasceu em Detroit,

late father, Fred Trump. Fred Trump was arrested at a Ku Klux Klan rally in Queens, New York on May 30, 1927 when he was 21. Disponível em: <https://blackpressusa.com/trump-levels-racist-attack-on-congresswomen-of-color-in-latest-social-media-screed/>

¹⁵ Texto da AP publicado *The Griot*. Tradução livre de: “It doesn’t concern me because many people agree with me,” Trump said Monday at the White House. “A lot of people love it, by the way. The episode served notice that Trump is willing to again rely on incendiary rhetoric on issues of race and immigration to preserve his political base in the leadup to the 2020 election.”

Michigan”¹⁶. A origem familiar da primeira é porto-riquenha e a da segunda, palestina.

Ainda aparece como destaque o nome de Pelosi (49 ocorrências), que se refere à presidente da Câmara Federal, a democrata Nancy Pelosi. Ela é citada no Twitter de Trump de forma satírica para mostrar a indisposição da tradicional democrata, Pelosi, com as quatro parlamentares progressistas. “Nancy ficaria muito feliz em resolver rapidamente e gratuitamente os planos de viagem” (Trump, 2019; ver Imagem 3). A animosidade é destacada por *The AtlantaVoice*: “Umontuen: O pelotão está deixando a porta-voz Pelosi, tradicional Democrata desconfortável”.

Em 11 de julho [2019], a presidente Pelosi disse em uma entrevista ao New York Times que as quatro calouras [referindo-se às deputadas de cor] “têm seu público qualquer que seja e seu mundo no Twitter. Mas eles não tinham seguidores. Elas são quatro pessoas e esse é o número de votos que obtiveram”. Ocasio-Cortez respondeu no Twitter: Esse público 'seja qual for' é chamado de sentimento público. E exercendo o poder de mudar isso é como realmente alcançamos mudanças significativas neste país (Umuoten, 2019).¹⁷

O desconforto¹⁸ também diz respeito ao fato de que, diante do ataque de Trump, a presidente da Câmara não teve outra alternativa a não ser defender suas oponentes internas do próprio partido diante do racismo manifesto. “Quando

¹⁶ Tradução livre de: They go back and help fix the totally broken and crime infested places from which they came. Rep. Illan was born in Somalia and her family arrived in New York in 1992 and secured asylum in the U.S. in 1995. Rep. Ocasio-Cortez was born in the Bronx, New York and Rep. Pressley was born in Chicago, Ill. Another Congresswoman Trump has attacked before, Rep. Rashida Tlaib (D-MI), was born in Detroit, Michigan.

¹⁷ On July 11, Speaker Pelosi said in a New York Times interview that the four freshmen “have their public whatever and their Twitter world. But they didn’t have any following. They’re four people and that’s how many votes they got.” Ocasio-Cortez responded on Twitter, “That public ‘whatever’ is called public sentiment. And wielding the power to shift it is how we actually achieve meaningful change in this country.” Disponível em: <https://www.theatlantavoice.com/articles/the-squad-vs-pelosi/>

¹⁸ O caso trouxe desconforto à presidente da Câmara pelo fato de que ela estava segurando há meses o pedido de impeachment de Trump e sendo pressionada pela ala mais progressista dos Democratas, como as quatro parlamentares.

Trump fala para quatro parlamentares americanas retornarem para seus países, ele reafirma seu plano de tornar a América grande novamente. Mas isso sempre foi tornar a América branca novamente. Nossa diversidade é nossa força e nossa unidade é nosso poder” (Pelosi, 2019)¹⁹. Institucionalmente, a Câmara votou uma resolução condenando os comentários racistas de Trump.

Como já foi sublinhado, o artigo publicado no *Black Agenda Report* adotou uma perspectiva bastante diferente da dos demais sites. O texto de Danny Haiphong (2019) é construído comparando o episódio à repercussão midiática do caso envolvendo a capitã da equipe feminina de futebol, Megan Rapinoe, que criticou a exclusão social promovida por Trump e se recusou a ir à recepção na Casa Branca.

Megan Rapinoe recebeu muitos elogios da mídia corporativa por protestar contra Donald Trump. A estrela da equipe nacional de futebol dos EUA fez várias observações em oposição ao racismo de Donald Trump e se recusou a comparecer à coroação da Casa Branca da vitória da equipe dos EUA em junho [2019] na Copa do Mundo.[...] A entrevista de Rapinoe [Van Jones, CNN] recebeu maior atenção em relação à defesa das parlamentares de cor ‘pelotão de quatro’ que foram atacadas por Donald Trump pelo Twitter. É claro que Rapinoe baseou sua oposição a Trump principalmente em etiqueta, em vez de divergências políticas. Trump não está se saindo bem e, segundo Rapinoe, sua supremacia branca é ‘nojenta’ (Haiphong, 2019).²⁰

¹⁹ Twitter de Pelosi. citado por The Griot. Tradução livre de: When @realDonaldTrump tells four American Congresswomen to go back to their countries, he reaffirms his plan to “Make America Great Again” has always been about making America white again,” Pelosi tweeted. “Our diversity is our strength and our unity is our power.” Disponível em: <https://thegriot.com/2019/07/14/trump-four-minority-congresswomen/>

²⁰ Tradução livre de: Megan Rapinoe has received much praise from the corporate media for protesting Donald Trump. The U.S. national soccer team star has made several remarks in opposition to Donald Trump’s racism and refused to attend the White House coronation of the USA team’s June victory in the World Cup. [...] Rapinoe’s interview received the most attention for its defense of the “gang of four” Congresswomen who were attacked by Donald Trump over Twitter. Of course, Rapinoe’s based her opposition to Trump mainly upon etiquette rather than policy or political disagreements. Trump is not playing nice and, according to Rapinoe, his white supremacy is “disgusting.” Disponível em: <https://www.blackagendareport.com/megan-rapinoe-fake-progressive>

Destacamos esse texto da *Black Agenda Report* por considerarmos importante a abordagem que leva à reflexão sobre as mulheres de cor, as negras em especial, que sofrem sistematicamente com racismo e discriminação e são ignoradas, na maioria das vezes, pela sociedade. Enquanto isso, uma mulher branca, ao mostrar certo descontentamento, suscita uma rede de solidariedade, inclusive com o apoio midiático.

4. Mídia negra e interseccionalidade

Nesta última seção, apontamos marcas de interseccionalidade na cobertura da mídia negra sobre as mensagens racistas de Trump contra as parlamentares de cor. O episódio possui características intrínsecas de opressão contra mulheres de cor, o que permite associá-lo, sem muito esforço, à interseção raça e gênero operando conjuntamente. Contudo, como alertou Crenshaw (1991, p.1245), o conceito de interseccionalidade “deve ser expandido [das categorias classe e gênero] para levar em consideração questões como orientação sexual, idade e cor da pele”.

A interseccionalidade diz respeito às formas como algumas categorias são mobilizadas para oprimir. “Os paradigmas intersetoriais nos lembram que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que as opressões trabalham juntas na produção de injustiça. Por outro lado, a matriz de dominação refere-se a como essas interseções opressões são realmente organizadas”. (Hills, 2000, p. 18)²¹.

²¹ Intersectional paradigms remind us that oppression cannot be reduced to one fundamental type, and that oppressions work together in producing injustice. In contrast, the matrix of domination refers to how these intersecting oppressions are actually organized.

Apesar de a classe ser uma categoria-chave de opressão, ela parece menos relevante na discriminação contra as deputadas. Entretanto, como se pode observar nos *tweets* (figura 1), os *posts* possibilitam verificar outras categorias utilizadas por Trump para discriminá-las, sendo a mais explícita a descendência familiar (Porto Rico, Somália e Palestina), sobre a qual o presidente se referiu como sendo “originárias de países cujos governos são completos e uma catástrofe total, o pior [...]”.

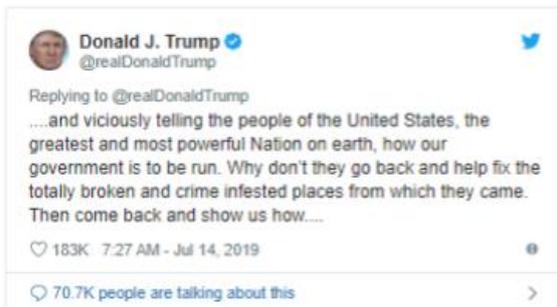
Trump utiliza o posicionamento político das parlamentares para discriminá-las. Ou seja, o fato delas terem pautas progressistas – o que significa, no contexto estadunidense, apoiar a universalidade do acesso à saúde – e de o criticarem em defesa do tratamento humanitário aos imigrantes, o levou a chamá-las de “radical” e “progressistas”. A agressão atuou também em relação à geração, embora apenas uma tenha menos de 30 e as demais estejam entre os 40 e 50 anos. Trump as chamou de “jovens, inexperientes e pouco inteligentes”.

Nos 11 textos que compõem o corpus deste trabalho, não há relação explícita entre as categorias mobilizadas por Trump para operacionalizar a discriminação contra as deputadas. Encontramos apenas marcas de interseccionalidade nas publicações sem associar, por exemplo, gênero, raça/etnia e origem – categorias que consideramos as mais evidenciadas nos *tweets* de Donald Trump.



When will the Radical Left Congresswomen apologize to our Country, the people of Israel and even to the Office of the President, for the foul language they have used, and the terrible things they have said. So many people are angry at them & their horrible & disgusting actions!

— Donald J. Trump (@realDonaldTrump) July 15, 2019



If Democrats want to unite around the foul language & racist hatred spewed from the mouths and actions of these very unpopular & unrepresentative Congresswomen, it will be interesting to see how it plays out. I can tell you that they have made Israel feel abandoned by the U.S.

— Donald J. Trump (@realDonaldTrump) July 15, 2019



FIG. 2: Tweets de Trump

Algumas vezes nas publicações, gênero, raça e origem aparecem separados sem interseccionar as categorias. Serve para ilustrar o fragmento da *BlackPressUSA*: “o ataque a parlamentares de cor e sua ancestralidade” (Burke, 2019). Mais à frente, o mesmo texto mostra que os episódios de racismo “contra parlamentares de cor que ganharam proeminência pela oposição à política de Trump” e finaliza “nas mensagens diretas de Trump aumentaram o racismo e a xenofobia à medida que a

campanha presidencial de 2020 se inicia totalmente” (idem, 2019)²². Apesar de o texto destacar o posicionamento político, a origem (xenofobia) e a cor (racismo), em nenhuma parte, é evidenciado que as deputadas foram discriminadas por serem mulheres, não-brancas, progressistas e três delas pertencentes a famílias com origem em outros países.

Praticamente todos os textos tentaram responder ou elucidar que apenas uma das deputadas não nasceu nos EUA e fizeram menção à trajetória de discriminação de Trump contra imigrantes, especialmente os mexicanos. Contudo, foram apenas seis menções à xenofobia. Três delas ocorreram por meio da reprodução do Twitter de Nancy Pelosi e da senadora e pré-candidata à presidência pelo Partido Democrata, Elizabeth Warren, que tweetou: “sejamos claros sobre o que é esse comentário vil: um ataque racista e xenófobo às mulheres democratas do congresso” (Warren, 2019)²³.

Embora a mensagem de Warren possibilitasse uma interpretação interseccional, por fazer alusão às palavras racista, xenófobo e mulheres, as duas vezes em que o *tweet* foi reproduzido pelo *The Atlanta Voice* (2019), não foi explorada essa potencialidade. Na sequência, apareceram outros posicionamentos contrários ao racismo de Trump.

Considerações finais

Os textos analisados publicados por cinco diferentes mídias não apresentaram diferenças substanciais em relação ao conteúdo, excetuando-se o

²² Tradução livre de: Trump’s direct messages or racism and xenophobia to his base have increased as the 2020 presidential campaign gets fully underway. The Iowa Caucuses are 203 days away as of July 14.

²³ Tradução livre de: Let’s be clear about what this vile comment is: A racist and xenophobic attack on Democratic congresswomen. Disponível em: <https://www.theatlantavoices.com/articles/trump-vs-thesquad/>.

Black Agenda Report, que possui um perfil mais reflexivo e progressista em relação aos demais. Cabe destacar que esses textos se enquadraram em duas categorias: artigo e informativo. Algumas vezes, essas aparecem imbricadas, algo comum por se tratar de publicações segmentadas dirigidas aos afro-americanos, ou seja, são canais de comunicação que explicitam sua parcialidade, afirmam defender os interesses dessa parcela da população com cobertura que denuncia o racismo, a desigualdade social e defende a justiça racial.

Desperta preocupação o fato de praticamente metade (cinco entre as 11 analisadas) das notícias veiculadas ter sido produzida pela agência internacional de notícias *The Associated Press*, pelas seguintes razões: 1) a mídia negra objetiva se contrapõe aos grandes conglomerados de comunicação que, em geral, estigmatizam os negros e não dão a devida atenção aos temas de interesse desse grupo racial. Essa mídia também quer falar diretamente ao seu público, sem intermediários, imprimindo a sua visão (a dos negros) nos acontecimentos que lhes são de interesse – o que não ocorre no caso da compra de notícias de uma agência que possui o oligopólio da informação global; 2) o movimento negro estudunidense historicamente defendeu a criação e a aquisição de produtos e serviços de empresas negras, que empregam majoritariamente negros discriminados no mercado de trabalho. Comprar notícias de uma agência internacional nos parece ir de encontro aos princípios do próprio movimento e da razão de existência da mídia negra.

Embora o episódio explicitasse o cruzamento de várias discriminações contra as parlamentares, a cobertura mostrou-se bastante frágil em relação à perspectiva interseccional. Foram mais evidenciadas a categoria raça, com o emprego da expressão parlamentares de cor (*congresswomen of color*), e a origem, manifestada na tentativa de responder a Trump que, entre as cidadãs estadunidenses, apenas Ilhan Omar nasceu na Somália.

Referências bibliográficas

ABREU, Pedro Lopes Aguiar. *Agências de Notícias do Sul Global: jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo*. [Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação]. Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

DAVIS, Angela. "O racismo voltou a ser mais violento e explícito". [Entrevista cedida a] Andrea Aguilar. *El País Brasil*. 25 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/25/cultura/1540468443_420474.html. Acesso em 1 out.2019.

ASSOCIATED PRESS. *Trump renews racist assault against congresswomen, says other racists agree with him* <https://thegrio.com/2019/07/16/trump-renews-racist-assault-against-congresswomen-says-other-racists-agree-with-him/>.

BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BROWN, Nadia E. *Political participation of women of color: an intersectional analysis*. *Journal of Women, Politics & Policy*. 35:4, 315-348.

BURKE, Lauren Victoria. *Trump Levels Racist Attack on Congresswomen of Color in Latest Social Media Screeed*. Disponível em: <https://blackpressusa.com/trump-levels-racist-attack-on-congresswomen-of-color-in-latest-social-media-screed/>. Acesso em; 16 set. 2019.

CAWP. *Women of Color in Elective Office 2019*. Disponível em: <https://cawp.rutgers.edu/women-color-elective-office-2019>. Acesso em: 14 de out. 2019.

COLLINS, Patricia Hills. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2000.

COLVIN, Jill; LEMIRE, Jonathan; MILLER, Zeke. *Donald Trump digs in against Democratic congresswomen; they're firing back*. Disponível em: <https://www.theatlantavoice.com/articles/donald-trump-digs-in-against-dem-congresswomen-theyre-firing-back/>. Acesso em: 20 set. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. *Stanford Law Review*, Stanford, 1991. v. 43, pp. 1241-1299.

DOWD, Matthew. *How Trump has pushed the darkness of bigotry in America into the light*. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/trump-pushed-darkness-bigotry-america-light-opinion/story?id=64341454>. Acesso em: 2 out. 2019.

DUNLAP, David W. 1973: *Meet Donald Trump*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/times-insider/2015/07/30/1973-meet-donald-trump/?smid=tw-share&r=0>. Acesso em: 15 out. 2019.

GONZÁLEZ, Juan. TORRES, Joseph. *News for All the People: The Epic Story of Race and the American Media*. New York: Verso, 2011.

HAIPHONG, Danny. Megan Rapinoe: Fake Progressive. Disponível em: <https://blackagenda.com/megan-rapinoe-fake-progressive>. Acesso em: 15 set. 2019.

LAGO, Claudia; KAZAN, Evelyn; THAMANI, Manuel. *Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está?* Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação -Intercom 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1779-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

LEMIRE, Jonathan; WOODWARD, Calvin; YEN, Hope. *Leave the US, Trump tells liberal congresswomen of color*. Disponível em: <https://www.theatlantavoice.com/articles/trump-vs-thesquad/>. Acesso em: 30 set. 2019.

LESESNE, Tony. *Entrevista à autora*. 05 set. 2019.

LOPEZ, German. *Donald Trump's long history of racism, from the 1970s to 2019*. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/7/25/12270880/donald-trump-racist-racism-history>. Acesso em: 15 out. 2019.

MINTA, Michael D; BROWN, Nadia E. *Intersecting interests. Gender, race, and congressional attention to women's issues*. Du Bois Review: Social Science Research on Race, 2014.

ONLEY, Dawn. *Donald Trump writes racist tweet about congresswomen of color*. Disponível em: <https://thegrio.com/2019/07/14/trump-four-minority-congresswomen/>. Acesso em: 10 out. 2019.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *"O mundo negro": relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro. Pallas: FAPERJ, 2013.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REDDING JR, Robert. *Black Voices, White Power: Members of the Black Press*. february 2017 Journal of Black Studies 48(2):143-164, 2017.

SARAMO, Samara. *The Meta-violence of Trumpism*. European journal of American Studies. 12-2 | 2017, document 3, Online since 10 August 2017, connection on 30 April 2019. URL: <http://journals.openedition.org/ejas/12129> ; DOI : 10.4000/ejas.12129

SILVA, Zélia Lopes da. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo*. (1923-1938). São Paulo: Editora UNESP; Londrina: EDUEL, 2008.

SILVERSTEIN, Jason. *There have been more mass shootings than days this year*. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/mass-shootings-2019-more-mass-shootings-than-days-so-far-this-year/> Acesso em: 15 out. 2019.

THE ATLANTA VOICE. *Georgia Senator David Perdue stands by Donald Trump's tweets*. Disponível em: <https://www.theatlantavoice.com/articles/georgia-senator-stands-by-trump/>. Acesso em: 10 out. 2019.

UMONTEUN, Itoro. Umontuen: *'The Squad' is making Speaker Pelosi, traditional Dems uncomfortable*. Disponível em: <https://www.theatlantavoice.com/articles/the-squad-vs-pelosi/>. Acesso em: 10 out. 2019.

WILLIAMSON, Vanessa. GELFAND, Isabella. *Trump and racism: what do the data say?* Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2019/08/14/trump-and-racism-what-do-the-data-say/>. Acesso em: 15 out. 2019.

WOODWARD, Calvin. *Trump Tells Congresswomen Of Color To Go Back To 'Crime Infested' Homelands*. Disponível em: <https://www.afro.com/trump-tells-congresswomen-of-color-to-go-back-to-crime-infested-homelands/>. Acesso em: 30 set. 2019.

ZHOU, LI. *A historic new Congress will be sworn in today*. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/12/6/18119733/congress-diversity-women-election-good-news>. Acesso em: 14 de out. de 2019.